

## CARACTERÍSTICAS DA DIVERSIFICAÇÃO AGRÍCOLA NAS UNIDADES DE AGRICULTURA FAMILIAR NOS MUNICÍPIOS DA COSTA OESTE PARANAENSE

### Characteristics of agricultural diversification in the family farming units in the municipalities of the west coast

#### Valdir Serafim Jr

Contador. Mestre em Extensão Inovadora e Desenvolvimento Rural Sustentável. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300, Loteamento Universitário das Américas, CEP: 85.870-650, Foz do Iguaçu, PR. jr\_valdir@hotmail.com

#### Adriana Maria de Grandi

Engenheira Agrícola. Doutora em Engenharia Agrícola. Professora do PPGDRS - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste. adrianadegrandi@gmail.com

#### Fabiola Graciele Besen

Contadora. Mestre em Extensão Inovadora e Desenvolvimento Rural Sustentável. Professora do Curso de Ciências Contábeis da Unioeste. fabiolagracielebesen@gmail.com

#### Tércio Vieira de Araújo

Contador. Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste. Professor do Curso de Ciências Contábeis da Unioeste. professortercio@hotmail.com

**Resumo:** O presente estudo faz um levantamento das características da diversificação das unidades de agricultura familiar de municípios da Região Costa Oeste do Paraná, com base em diagnósticos levantados pela ADEOP – Agência de Desenvolvimento do Extremo Oeste do Paraná, entre os anos de 2010 e 2012. Inicialmente foram identificados os sistemas produtivos das unidades familiares, seguido pela análise da capacidade de organização produtiva dessas unidades, com relação à escolha de culturas ou atividades e suas respectivas associações, mensurando as tendências em relação ao tamanho das propriedades e a geração de renda. Estas análises tiveram como propósito identificar fatores que podem comprometer o desenvolvimento rural e fornecer resultados práticos através de informações que possam ser utilizadas para uma melhor compreensão deste meio rural, garantindo a inclusão social destes agricultores e a possibilidade de permanência no campo. Concluiu-se que as alterações sofridas pela Região Oeste do Paraná, nas últimas décadas, pelo processo de modernização da agricultura, proporcionaram uma mudança nos meios de produção destas unidades familiares, diversificaram-se as culturas em busca de aumento de renda, voltada para as agroindústrias e integradoras, com alta concentração de produção de milho safrinha e soja, como atividades principais, seguidos da atividade leiteira.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento rural; modernização da agricultura; organização produtiva.

**Abstract:** The present study makes a survey of the characteristics of the diversification of the family farming units of municipalities of the West Coast Region of Paraná, based on the diagnoses raised by ADEOP - Paraná State Agency for the Development of the Extreme West between 2010 and 2012. Initially the productive systems of the family units were identified, followed by the analysis of the capacity of productive organization of these units, in relation to the choice of crops or activities and their respective associations, measuring the trends in relation to the size of the properties and the generation of income. These analyzes aimed to identify factors that may compromise rural development and provide practical results through information that can be used to better understand this rural environment, ensuring the social inclusion of these farmers and the possibility of permanence in the field. It was concluded that the changes undergone by the Western Region of Paraná in the last decades, through the process of modernization of agriculture, provided a change in the means of production of these family units, the cultures were diversified in search of income increase, directed to the agroindustries and integrators, with high concentration of safflower and soybean production, as main activities, followed by milk production.

**Keywords:** Rural development; modernization of agriculture; productive organization.

## 1 INTRODUÇÃO

Na agricultura familiar é importante observar os diferentes contextos locais ou regionais, pois os mesmos podem oferecer alternativas viáveis para a geração de renda e permanência das famílias rurais no campo.

Segundo Buainain e Garcia (2013), a economia local abre possibilidades aos pequenos produtores, em relação à produção e comercialização. Uma economia local dinâmica e organizada permite aos produtores superar a desvantagem da escala e facilita a adoção de alternativas, além da produção, como geração de renda rural não agrícola ou pela possibilidade de articulação rural urbano.

O espaço agrícola da Costa Oeste do Paraná apresentou inúmeras mudanças desde o início de sua colonização, pois os imigrantes introduziram culturas tradicionais como milho e feijão e a criação de suínos e tinham como propósito a subsistência da família e a comercialização de excedentes. Com os avanços tecnológicos, novos processos e práticas agrícolas, os agricultores desta região começaram a diversificar o uso do solo, construindo um novo espaço agrícola com relações econômicas e sociais, atreladas às mudanças ocorridas nacionalmente no setor agropecuário.

A partir destas considerações delimitou-se o problema de pesquisa: Quais as características da diversificação agrícola nas unidades de agricultura familiar dos municípios da Costa Oeste do Paraná?

O problema de pesquisa tem como seu objetivo geral identificar as características da diversificação agrícola nas unidades de agricultura familiar dos seis municípios (Itaipulândia, Medianeira, Missal, São Miguel do Iguçu, Santa Terezinha de Itaipu e Santa Helena) objetos de estudo, com base nos dados coletados dos diagnósticos efetuados pela Agência de Desenvolvimento do Oeste do Paraná – ADEOP entre os anos de 2010 a 2012, correspondentes aos atendimentos efetuados em forma de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER nesse período.

Atendendo ao problema de pesquisa, foram estabelecidos os objetivos específicos para atingir o objetivo geral: a) identificar e caracterizar as principais atividades agropecuárias das unidades familiares em seus respectivos municípios; b) identificar e caracterizar a diversificação de culturas presentes nestes estabelecimentos; e c) relacionar

as atividades existentes com o tamanho das áreas e respectivas rendas.

O estudo é apropriado, pois fornece elementos sobre as unidades de agricultura familiar dos municípios da Costa Oeste do Paraná, as quais estão inseridas no processo de desenvolvimento dessa região, sendo que essas informações podem ser utilizadas por entidades governamentais e não governamentais, para o desenvolvimento de ações que promovam de alguma forma o desenvolvimento rural local e regional.

O estudo encontra-se dividido em cinco seções: a primeira seção, Introdução traz o problema de pesquisa, objetivos geral e específicos e a justificativa da pesquisa. Na segunda seção, o referencial teórico trata de conceitos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. A terceira traz a metodologia, técnicas e ferramentas necessárias para a realização da mesma. Os resultados e discussões apresentam os dados e as análises efetuadas para alcançar o objetivo geral do estudo e por fim, nas considerações finais, procura-se trazer a resposta do problema de pesquisa, além das referências consultadas.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Modernização agrícola brasileira

Esse tópico traz uma pequena retrospectiva da política agrícola no país, que foi voltada a modernização no meio rural. A crise de 1929, que originou a grande Depressão de 1930, ocorrida nos EUA, teve impactos profundos na economia brasileira cuja matriz exportadora baseava-se em um único produto agrícola. Uma das saídas foi a tentativa de implantação de uma política de industrialização. Essa política teve seu auge principalmente a partir do governo de Juscelino Kubistchek, sobretudo na segunda metade dos anos 1950, onde a economia brasileira foi dominada pela ideia da força-industrialização como o elemento fundamental para aproximar o Brasil das economias capitalistas industrializadas. Esse período estendeu-se até meados da década de 1970 quando foi impactado pela crise do petróleo (DELGADO, 2010).

Balsan (2006) contribui com a afirmação de que, neste processo de modernização, houve a expansão da agricultura moderna conjuntamente com os complexos industriais; modernizaram-se

os processos produtivos com efeitos sobre o meio ambiente, salientando que essas transformações foram heterogêneas apresentando desigualdades e privilégios.

Era característica do Estado, nesta mesma década, a intervenção na produção agrícola, pela fiscalização de preços, estocagem, comercialização, etc; a modernização do setor agrário promovida estava atrelada ao processo de desenvolvimento econômico, houve a facilitação de crédito e foram criados institutos de pesquisa e assistência técnica com a intenção de incentivar o uso de técnicas e insumos modernos (TEIXEIRA, 2005).

Com o golpe militar de 1964, os militares e as elites agrárias ampliaram o processo de modernização da agricultura. Essa modernização era necessária, segundo eles, para que a agricultura cumprisse suas funções no desenvolvimento econômico do país. Assim, inicia-se um processo de industrialização que se realizou através de um conjunto de políticas públicas como: desenvolvimento de infraestruturas, incentivo fiscais às exportações, crédito rural, garantia de preços mínimos, seguro agrícola, minidesvalorizações cambiais, pesquisa agropecuária, assistência técnica e extensão rural, expansão da fronteira agrícola, subsídios às aquisições de insumos, e por vinte anos foram essas políticas que orientaram as ações do governo no setor agrícola e pecuário (GRISA; SCHNEIDER, 2015).

Na década de 60 e 70, a modernização agrícola e a Revolução Verde atingiram seu ápice, sendo que em 1973, foram criadas a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), para dar continuidade ao processo de modernização e difusão de tecnologias (REDIN; FIALHO, 2010).

Para Teixeira (2005), a década de 1980 foi marcada pela crise, que alguns autores consideram como “a década perdida”, pois a agricultura apresentou taxa de crescimento bem menor do que décadas anteriores, essa crise se espelhou para a década de 1990, onde os altos índices inflacionários, redução de incentivos via crédito rural e os processos de modernização excludentes contribuíram para uma lentidão no crescimento agrícola.

Segundo Buainain et al. (2013), as mudanças institucionais ocorridas a partir da década de 1990,

além de corrigir alguns bloqueios existentes, promoveram a estabilização monetária, impulsionaram a organização do Estado em relação as suas políticas para o desenvolvimento da agricultura, tendo como fator estimulador para esta expansão os financiamentos externos, marcados pelas exportações de *commodities*, como é o caso das exportações de soja para a China, que cresceram 400 vezes no período de 1996 a 2011.

Pela união de fatores como as novas tecnologias, produtores com um certo grau de conhecimento e uma nova ordem político-institucional, estes intensificados pela abertura de mercado interno e externo, houve a disseminação do processo de modernização da agricultura pelo país, porém produzindo impactos em várias regiões facilmente identificáveis: a) a expansão produtiva atual é fundamentada em padrões técnicos e organizacionais, modificando as dinâmicas e condições agropecuárias; b) esses padrões consolidam-se em ambientes diferenciados, configurando uma heterogeneidade estrutural, caracterizada pelas diversas dinâmicas agrícolas; c) as cadeias produtivas ou cadeias de valor exercem papel determinante nas configurações produtivas, tecnológicas e financeiras das regiões rurais, podendo refletir em outras cadeias ora em formação (BUAINAIN et al., 2013).

A discussão sobre o Estado interventor, as políticas agrícolas, o mercado e a modernização agrícola é bastante extensa e não foi contemplada totalmente nesse tópico. Prezou-se por destacar os pontos mais importantes desse cenário e nos próximos tópicos explicar sobre a agricultura familiar, processos produtivos e diversificação agrícola.

## 2.2 Agricultura familiar

Como expressa a Profa. Nazareth Wanderley:

A agricultura familiar não é uma categoria social recente, nem a ela corresponde uma categoria analítica nova na sociologia rural. No entanto, sua utilização, com o significado e abrangência que lhe tem sido atribuído nos últimos anos, no Brasil, assume ares de novidade e renovação (WANDERLEY, 2001, p. 21).

Conforme a Lei nº 11.326/2006, também conhecida como “Lei da Agricultura Familiar”, criada em 2006, considera-se agricultor familiar:

Aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo simultaneamente, aos seguintes requisitos: I não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

O Estatuto da Terra pela Lei nº 4.504/64 define em seu artigo 4º parágrafo segundo a agricultura familiar:

II - "Propriedade Familiar", o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalho com a ajuda de terceiros; (Lei nº 4.504/64)

A agricultura familiar exerce um papel fundamental no desenvolvimento social e no crescimento equilibrado do País. Os milhões de pequenos produtores que compõem a agricultura familiar fazem dela um setor em expansão e de vital importância para o Brasil. Todos os anos, a agricultura familiar movimenta bilhões de reais no país, produzindo a maioria dos alimentos que são consumidos nas mesas brasileiras. Além disso, contribui para a criação de empregos, geração e distribuição de renda e diminuição do êxodo rural (DAMASCENO et al., 2011).

Segundo Lamarche, a agricultura familiar está relacionada aos objetivos dos agricultores:

"Conforme os objetivos a que se propõem os agricultores, para si mesmos e para suas famílias, e conforme, também, os contextos socioeconômicos locais e o respectivo nível de desenvolvimento, deve-se distinguir as unidades de produção camponesas de outras consideradas de subsistência. Se a função de subsistência está bem presente no modelo camponês, ele não se reduz jamais a isto; há neste modelo, profundamente arraigada, uma vontade de conservação e de crescimento do patrimônio familiar" (LAMARCHE 1994, p. 270).

O processo de modernização da agricultura brasileira integrou de forma subordinada a agricultura familiar às grandes cadeias agroalimentares, onde o agricultor produzia a matéria-prima no padrão exigido para as indústrias, induzindo assim, o modelo

agrícola à monocultura, ocasionando rupturas com as características da agricultura familiar. Os agricultores familiares ao negligenciar os cultivos de subsistência, intensificam a dependência da renda monetária da safra para garantir a maior parte de sua alimentação, conseqüentemente, os recursos financeiros destinados aos investimentos na propriedade tornam-se reduzidos ou ausentes, devido à renda obtida com os monocultivos em pequena área apresentar baixo retorno financeiro (BALEM; SILVEIRA, 2005).

Mas embora com dificuldades, a agricultura familiar se mantém e contribui para o desenvolvimento econômico do país. Conforme Lima et al. (2006), embora não seja este o desenvolvimento que se espera e nem a agricultura que se busca, com base ecológica, ela tem seu papel e importância.

Para corroborar essas afirmações, pode-se tomar como base os dados de Toscano (2003) *apud* Silva e Jesus (2010): cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira vêm desse tipo de produção rural e quase 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária são produzidos por agricultores familiares. Cerca de 70% do feijão, 84% da mandioca, 5,8% da produção de suínos, 54% da bovinocultura de leite, 49% do milho e 40% de aves e ovos são produzidos pela agricultura familiar (SILVA; JESUS, 2010).

Segundo Flores (2002, p. 347) "[...] fortalecer a agricultura familiar como expressão social, econômica e política, significa rediscutir o modelo de desenvolvimento do mundo rural, com todos os seus impactos sobre a área urbana"

Assim, novas possibilidades se abrem para serem exploradas pela agricultura familiar, pois conforme Flores (2002), "Os produtos tradicionais provenientes da agricultura familiar têm condições de ocupar maiores espaços no mercado local, nacional e internacional, beneficiando-se de valores que sejam agregados aos produtos, [...]" (FLORES, 2002, p. 352).

## 2.3 Diversificação Agrícola

Atualmente, diante do cenário da agricultura familiar no Brasil, os agricultores familiares estão buscando alternativas para aumentar sua renda e melhorar suas condições de vida. A diversificação é percebida como uma dessas alternativas.

Segundo Wanderley (2000), a diversificação das atividades é uma estratégia que vem sendo

adotada pelos agricultores brasileiros e destina-se não só a ampliar o leque de produtos comercializáveis, mas igualmente a garantir o autoconsumo.

Há muitos estudos, na área, para buscar entender e orientar ações que promovam mudanças sociais e econômicas no meio rural. É nesse contexto que surgem várias proposições analíticas e metodologias sobre a abordagem da diversificação e diversificação (SCHNEIDER, 2010). Segundo o autor, deve-se pensar a diversificação ao nível do processo de produção, economia local e ao nível global. Ao nível do processo de produção, a diversificação implica na combinação de diferentes cultivos e sistemas de produção. Ao nível da economia local, busca aumentar as relações intersetoriais entre agricultura, indústria, comércio e serviços; e ao nível global (região) a diversificação consiste em pensar um modo de desenvolvimento rural sustentável.

A diversificação agrícola é considerada uma alternativa de renda para os pequenos produtores, pois se o produtor possuir apenas uma cultura anual como principal fonte de renda, está sempre correndo o risco de perder sua produção devido a agentes externos, como clima, pragas e doenças, além de estar sujeito às condições de mercado. Quando insere outras culturas, como criações e horticultura, seja para a comercialização ou para o consumo de sua família, abre-se a possibilidade de uma nova renda. A diversificação pode representar, então, a redução do risco para o produtor, pela dependência de uma única cultura e uma forma de sobrevivência.

As políticas públicas, nesse sentido, podem atuar em favor da agricultura familiar. Deve-se efetuar levantamentos regionais sobre a situação da agricultura familiar, identificando o meio em que vivem, os principais sistemas de produção, a infraestrutura, a potencialidade da região, as instituições que podem atuar para beneficiá-los, além de informações sobre a tipologia desses produtores.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

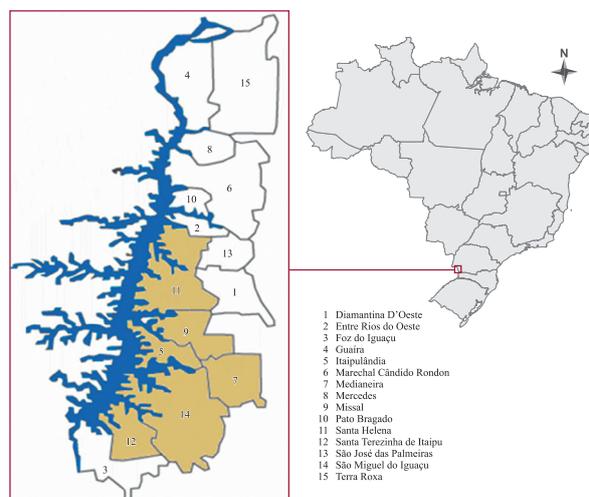
Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório descritivo das informações extraídas do banco de dados e relatórios do “Pronaf Sustentável na BP3”, trabalho conduzido e desenvolvido pela ADEOP – Agência de Desenvolvimento do Extremo Oeste do Paraná, qualificada como OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, junto ao Ministério da Justiça, inserida no

Parque Tecnológico de Itaipu – PTI. O trabalho foi desenvolvido durante os anos de 2010 até 2012 em conjunto com a Itaipu Binacional e FPTI – Fundação Parque Tecnológico Itaipu.

O método de pesquisa será o dedutivo, considerando que as informações essenciais necessárias para o desenvolvimento do estudo encontram-se explícitas nos diagnósticos efetuados pela ADEOP nas unidades familiares, devendo ser analisados para as respectivas conclusões. A pesquisa teve uma abordagem quantitativa, que possibilitou a quantificação dos resultados, como se estes representassem um retrato real da população que é alvo da pesquisa, concentra-se na objetividade e é influenciada pelo positivismo, considerando que a compreensão da realidade somente poderá ser feita com a análise dos dados brutos.

Este estudo investigou 625 unidades familiares estabelecidas dentro dos municípios de Itaipulândia, Missal, Santa Helena, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguçu e Medianeira, sendo o principal motivo desse agrupamento a proximidade geográfica, características climáticas e tipos de solo similares, semelhanças no IDH e sistemas produtivos, atendidos em forma de ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural pela ADEOP entre os anos de 2010 e 2012, sendo estas unidades compostas por agricultores familiares tradicionais ou assentados de reforma agrária, que apresentavam requisitos legais para serem enquadrados como Agricultura Familiar e não estavam recebendo assistência técnica de nenhum outro órgão durante este período.

Figura 1 – Localização dos municípios na Costa Oeste do Paraná



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Classificou-se como agricultor familiar, pois se enquadram na Lei nº 11.326/2006, também conhecida como “Lei da Agricultura Familiar”, criada em 2006, que se considera agricultor familiar: “aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo simultaneamente, aos seguintes requisitos: I não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais.”<sup>1</sup> Nos municípios pesquisados, o módulo fiscal corresponde a 18 hectares, totalizando 72 hectares os quatro módulos fiscais (EMBRAPA, 2017).

Em seu desenvolvimento, foi necessário contato com a ADEOP e Itaipu Binacional para autorização e acesso às informações, estas obtidas através dos diagnósticos das unidades familiares levantados no período de ATER. Para uma melhor definição, estes dados foram separados em dois grupos, o primeiro grupo se definiu por uma visão macro, categorizou-se as unidades familiares pela sua localização geográfica, pelos tamanhos de área, pelos responsáveis da unidade, pela quantidade de membros da família e mão de obra utilizada. No segundo grupo, buscou-se identificar a individualidade dos componentes dessas unidades familiares, buscando características sociais desses agricultores e de seus familiares.

Os dados secundários foram extraídos dos diagnósticos das unidades familiares efetuados pela ADEOP e tabulados. Em seguida, foram inseridos em software de gerenciamento estatístico próprio para proceder suas análises quantitativas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Sistemas produtivos

De acordo com relatos históricos sobre o desenvolvimento rural, na década de 1950, predominava-se a ideia de que a maioria dos agricultores não acompanharia o processo de desenvolvimento, porém, já a partir da década de 1960, as transformações nas pequenas propriedades indicavam

1 Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é fixado pelo INCRA para cada município levando-se em conta: (a) o tipo de exploração predominante no município (hortifrutigranjeira, cultura permanente, cultura temporária, pecuária ou florestal); (b) a renda obtida no tipo de exploração predominante; (c) outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; (d) o conceito de “propriedade familiar”. A dimensão de um módulo fiscal varia de acordo com o município onde está localizada a propriedade. O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares.

que elas estavam inseridas nesse novo contexto, deixando de apresentar as características de subsistência para apresentar uma produção voltada à comercialização.

Schallenger e Colognese (1993, p.23) relatam a influência mercadológica na transformação dos sistemas produtivos da região Oeste do Paraná:

[...] o mercado se encarregou de definir os produtos viáveis, atribuindo-lhes valores convencionais. [...] A terra deixou de ser um espaço social de subsistência e de produção de relações familiares. Assumiu progressivamente, o caráter de um meio de produção de mercadorias.

Na pesquisa efetuada, conforme dados da Tabela 1, foram dimensionados os sistemas produtivos das 625 unidades familiares dos municípios em estudo, podendo verificar três atividades predominantes, sendo a cultura da soja, presente em 50,7% das unidades, a cultura do milho safrinha presente em 49,6% das unidades e a atividade leiteira presente em 49,1% das unidades. Os demais sistemas têm as seguintes participações em ordem decrescente: fumo 12,8%, mandioca 11,2%, milho verão 7,4%, suinocultura 5,9%, avicultura de corte 5,1%, olericultura 5,1%, piscicultura 1,4%, fruticultura 1%. As atividades produtivas relacionadas ao amendoim, apicultura, arroz, aves de postura, bovinos de corte, cana de açúcar e trigo apresentaram índices inferiores a 1%.

Verificou-se a diversificação produtiva dessas unidades nos modelos modernos, não apresentando mais as características iniciais de produção para subsistência, onde o processo de especialização em determinadas culturas tem relação específica com os mercados regionais. Segundo Schneider (2010), essa diversificação é local, pois ocorre no processo de produção, implicando na combinação de diferentes cultivos e sistemas de produção.

Novas formas de organização produtiva surgiram, e as pequenas propriedades, que inicialmente, se concentravam no desenvolvimento de uma agricultura e agropecuária diversificadas, começaram a desenvolver novas formas de organização produtiva, para se adequarem às modificações que estavam ocorrendo com a entrada do capitalismo no campo, para manter sua viabilidade econômica (STOFFEL; COLOGNESE, 2005).<sup>2</sup>

2 STOFFEL, J.A. A viabilidade da agricultura familiar: formas de organização produtiva no Oeste do Paraná. Dissertação de Mestrado, PGDRA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas/ UNIOESTE – Campus de Toledo – Paraná, Toledo, 2004.

Assumiu-se uma nova forma de organização produtiva, principalmente nas culturas do soja e milho safrinha que se relacionam prioritariamente com o mercado, seguida das culturas de fumo, mandioca, milho verão que expressam as mesmas características.

Quanto à atividade leiteira, suinocultura e avicultura de corte estão relacionadas à agroindústria, bastante presentes na região do estudo, as quais introduziram na agricultura familiar a integração produtiva relacionada a aves e suínos.

Quanto às atividades que geram acesso às cadeias curtas ou mercados institucionais, a que mais apresenta participação nas unidades é a olericultura, porém bem abaixo das demais listadas anteriormente, demonstrando a convergência da agricultura familiar para os moldes modernos na região.

Tabela 1 – Sistemas produtivos

ATIVIDADES	ATIVIDADES GERAL		UNIDADES
	Quantidade	Porcentagem	625 U.F.
Soja	317	24,9%	50,7%
Milho Safrinha	310	24,4%	49,6%
Bovinocultura leiteira	307	24,1%	49,1%
Fumo	80	6,3%	12,8%
Mandioca	70	5,5%	11,2%
Milho verão	46	3,6%	7,4%
Suinocultura	37	2,9%	5,9%
Avicultura de corte	32	2,5%	5,1%
Olericultura	32	2,5%	5,1%
Bovinocultura de corte	10	0,8%	1,6%
Piscicultura	9	0,7%	1,4%
Fruticultura	6	0,5%	1,0%
Cana de açúcar	5	0,4%	0,8%
Avicultura de postura	3	0,2%	0,5%
Amendoim	2	0,2%	0,3%
Arroz	2	0,2%	0,3%
Trigo	2	0,2%	0,3%
Apicultura	1	0,1%	0,2%
Total	1.271	100,0%	-

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

O processo de modernização da agricultura em seu modelo de inovações tecnológicas baseados na “Revolução Verde” teve grande significado nas transformações socioculturais e produtivas nas atividades agropecuárias da região Costa Oeste do Paraná. Os movimentos comunitários sofreram com o choque das ações de concorrência e individualização, as novas tecnologias roubaram o saber dos agricultores em relação aos seus proce-

dimentos tecnológicos, destinando-os à perda do domínio e controle de seus processos produtivos (SCHALLENBERGER; COLOGNESE, 1993).

## 4.2 Organização produtiva

Os processos produtivos das unidades familiares apresentam grande complexibilidade, principalmente quanto ao ambiente onde estas unidades estão inseridas. Pode-se verificar a grande influência do eixo de desenvolvimento onde estas unidades estão dispostas geograficamente, influenciando em sua organização produtiva.

Esta complexibilidade e diversificação é abordada no estudo de Stoffel e Colognese (2005):

O universo da pequena produção agrícola familiar é extremamente diversificado e complexo. Esta diversificação de atividades reflete na tentativa de adaptação, nem sempre sustentável às condições nas quais está inserida: condições ambientais, disponibilidade de recursos, experiência, cultura, condições impostas pelo mercado e a própria inserção na sociedade. Ou seja, uma mesma forma de organização produtiva pode ser perfeitamente viável num determinado local e totalmente inviável em outro. Pequenos detalhes podem fazer grande diferença quando se analisa a viabilidade, a rentabilidade e a sustentabilidade desta pequena produção agrícola familiar (STOFFEL; COLOGNESE, 2005, p. 8).

Segundo Stoffel e Colognese (2005), a Costa Oeste do Paraná apresenta quatro formas de organização produtiva, sendo elas:

- 1. Predomínio de produção integrada:** parceria da agroindústria com os produtores através de contratos, predominante na suinocultura e avicultura;
- 2. Predomínio da diversificação agropecuária:** característica das pequenas propriedades desde sua colonização, a policultura resistiu ao processo de modernização, porém no passado não se destacava um produto específico, mudando na atualidade com a utilização intensiva de tecnologias;
- 3. Produção exclusivamente agrícola:** caracterizada pela busca de novos mercados e demandas pelas “*commodities*” agrícolas, impulsionou a região trazendo fontes expressivas de renda aos pequenos produtores.

**4. Predomínio da produção agrícola:** caracterizada pela inserção de outros produtos não agrícolas, esses geram uma fonte secundária para redução de riscos e manutenção financeira dos produtores.

Na Tabela 2, foram caracterizadas as formas de organização produtiva das unidades familiares, identificando-se que 30,2% possuem apenas uma atividade, 41,6% com duas atividades, 23% com três atividades, 4,8% com quatro atividades e 0,3% com cinco atividades.

Novamente pelos dados apresentados, pode inferir sobre a diversificação produtiva e não diversificação produtiva das unidades estudadas, devido as principais culturas estarem relacionadas às *commodities*, agroindústrias e integradoras, segundo Schneider:

Alguns estilos de agricultura internalizam relações características de mercado, colocando em curso um processo de inserção no regime de produção sustentado pelo paradigma da modernização. Aproximando-se de uma forma empresarial de agricultura familiar, esses estilos têm se mostrado cada vez mais dependentes da especialização produtiva, do uso de recursos externos, das flutuações dos preços internacionais e dos custos de produção e transação (SCHNEIDER, 2010, p. 119).

Neste primeiro momento, identificou-se quais atividades contribuem para o poder de diversificação das unidades em estudo, considerando atividades que combinadas são formadoras de renda, expressando de que em 69,8% destes estabelecimentos, existe uma combinação de atividades e não necessariamente de produtos agrícolas, apresentando combinações com aves, bovinos e peixes.

Tabela 2 – Número de atividades das unidades familiares

ATIVIDADES		NÚMERO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS					TOTAL
		1 Atividade	2 Atividades	3 Atividades	4 Atividades	5 Atividades	
Soja	Contagem	20	144	123	28	2	317
	% Atividade	6,3%	45,4%	38,8%	8,8%	0,6%	
	% do total	3,2%	23,0%	19,7%	4,5%	0,3%	50,7%
Milho Safrinha	Contagem	5	150	125	28	2	310
	% Atividade	1,6%	48,4%	40,3%	9,0%	0,6%	
	% do total	0,8%	24,0%	20,0%	4,5%	0,3%	49,6%
Bovinocultura leiteira	Contagem	104	80	96	26	1	307
	% Atividade	33,9%	26,1%	31,3%	8,5%	0,3%	
	% do total	16,6%	12,8%	15,4%	4,2%	0,2%	49,1%
Fumo	Contagem	10	34	26	10	0	80
	% Atividade	12,5%	42,5%	32,5%	12,5%	0,0%	
	% do total	1,6%	5,4%	4,2%	1,6%	0,0%	12,8%
Mandioca	Contagem	18	37	13	2	0	70
	% Atividade	25,7%	52,9%	18,6%	2,9%	0,0%	
	% do total	2,9%	5,9%	2,1%	0,3%	0,0%	11,2%
Milho verão	Contagem	3	32	10	1	0	46
	% Atividade	6,5%	69,6%	21,7%	2,2%	0,0%	
	% do total	,5%	5,1%	1,6%	,2%	0,0%	7,4%
Suinocultura	Contagem	5	5	15	11	1	37
	% Atividade	13,5%	13,5%	40,5%	29,7%	2,7%	
	% do total	0,8%	0,8%	2,4%	1,8%	0,2%	5,9%
Avicultura de corte	Contagem	4	10	10	7	1	32
	% Atividade	12,5%	31,3%	31,3%	21,9%	3,1%	
	% do total	0,6%	1,6%	1,6%	1,1%	0,2%	5,1%
Olericultura	Contagem	9	18	4	1	0	32
	% Atividade	28,1%	56,3%	12,5%	3,1%	0,0%	
	% do total	1,4%	2,9%	0,6%	0,2%	0,0%	5,1%
Bovinocultura de corte	Contagem	2	1	3	3	1	10
	% Atividade	20,0%	10,0%	30,0%	30,0%	10,0%	
	% do total	0,3%	0,2%	0,5%	0,5%	0,2%	1,6%
Piscicultura	Contagem	1	3	1	3	1	9
	% Atividade	11,1%	33,3%	11,1%	33,3%	11,1%	
	% do total	0,2%	0,5%	0,2%	0,5%	0,2%	1,4%
Fruticultura	Contagem	5	1	0	0	0	6
	% Atividade	83,3%	16,7%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,8%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%

ATIVIDADES		NÚMERO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS					TOTAL
		1 Atividade	2 Atividades	3 Atividades	4 Atividades	5 Atividades	
Cana de açúcar	Contagem	0	2	3	0	0	5
	% Atividade	0,0%	40,0%	60,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,8%
Avicultura de postura	Contagem	0	1	1	0	1	3
	% Atividade	0,0%	33,3%	33,3%	0,0%	33,3%	
	% do total	0,0%	0,2%	,2%	0,0%	0,2%	0,5%
Amendoim	Contagem	0	0	2	0	0	2
	% Atividade	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%
Arroz	Contagem	2	0	0	0	0	2
	% Atividade	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Trigo	Contagem	1	1	0	0	0	2
	% Atividade	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	,2%	,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Apicultura	Contagem	0	1	0	0	0	1
	% Atividade	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%
Total	Contagem	189	260	144	30	2	625
	% do total	30,2%	41,6%	23,0%	4,8%	0,3%	100,0%

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

A organização produtiva concentrada em somente uma atividade está relacionada a 30,2% dos estabelecimentos, como demonstra a Tabela 3 e dentro deste grupo 55% escolheram unicamente a atividade leiteira. É fato que na região existem várias cooperativas agroindustriais que utilizam o leite como matéria prima, assim a mesma se constitui como fonte de receita em prazos mais curtos e menores riscos operacionais.

Para Vilela et al. (2002), os agricultores familiares utilizam a atividade leiteira estrategicamente para composição de renda, devido ao baixo risco de exploração, ao elevado índice de liquidez do capital investido nos animais e a periodicidade de geração das receitas da atividade, concentradas em prazos curtos (diária, quinzenal ou mensal) de acordo com as relações com o mercado, sendo uma alternativa para os produtores rurais.

Foi verificada com relevância a presença das monoculturas de soja 10,6%, mandioca 9,5% e milho safrinha e verão 4,2% que estão relacionadas aos padrões e exigências do mercado regional. O problema é que os agricultores familiares ficam condicionados às flutuações de preços em épocas de safra, sazonalidade na renda, bem como problemas ambientais pelo uso intensivo de insumos e pela utilização irregular do solo.

Outras atividades relacionadas a agroindústrias foram identificadas, totalizando 10% dentro dos

estabelecimentos com uma única atividade, compostas pela cultura do fumo 5,3%, suinocultura 2,6% e avicultura de corte 2,1%, são atividades relacionadas à produção integrada, são potencializadas nas propriedades pelo marketing agroindustrial calcado em assistência técnica e garantia de renda, porém exige altos investimentos, mão de obra em tempo integral e metas de produção de acordo com os padrões estipulados pela empresa integradora.

Mesmo com predominância de atividades determinadas pelo mercado e com valorização de capital, 10% dos estabelecimentos familiares se organizaram estrategicamente para geração de renda voltadas a outras oportunidades, com atividades de olericultura 4,8%, fruticultura 2,6%, arroz 1,1% e piscicultura 0,5%, atividades que proporcionam renda a curto prazo e com relação direta de produtor com consumidor, as chamadas “cadeias curtas”, bem como acesso aos programas de compras institucionais representadas pelo PAA – Programa de Aquisição de Alimentos e PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Tabela 3 – Unidades familiares com uma atividade produtiva principal

Atividades	Número de atividades produtivas		
	1 Atividade	%	% Total
Leiteira	104	55,0%	16,6%
Soja	20	10,6%	3,2%
Mandioca	18	9,5%	2,9%
Fumo	10	5,3%	1,6%

Atividades	Número de atividades produtivas		
	1 Atividade	%	% Total
Olericultura	9	4,8%	1,4%
Fruticultura	5	2,6%	0,8%
Milho Safrinha	5	2,6%	0,8%
Suínos	5	2,6%	0,8%
Aves Corte	4	2,1%	0,6%
Milho Verão	3	1,6%	0,5%
Arroz	2	1,1%	0,3%
Bovino Corte	2	1,1%	0,3%
Piscicultura	1	0,5%	0,2%
Trigo	1	0,5%	0,2%
	189	100%	30,2%

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

Nas Tabelas 4, 5, 6 e 7 estão relacionadas as atividades por estabelecimentos e suas associações, podendo-se verificar as diversas formas de organização produtiva em que se encontram, onde verificou-se que a grande maioria dos agricultores estão inseridos em cadeias de produção agrícola voltada às agroindústrias e integradoras e para uma agricultura de exportação representada pela produção de soja e milho.

Para Schneider (2010), as mudanças sofridas pelo meio rural desde a década de 1970, estas de caráter demográfico, econômico e produtivo, dividiu os agricultores em dois grupos, os modernizados que se especializaram na produção de grãos e criação de aves e suínos, e de outro lado o grupo dos agricultores que não acompanharam esse processo, mantendo-se em condições de pobreza e precariedade.

A Tabela 4 identifica as unidades familiares com duas atividades produtivas, que correspondem a 41,6% dos estabelecimentos, dentro deste grupo existe uma grande concentração de estabelecimentos com produção exclusivamente agrícola representada em 47,3% pela combinação das culturas de milho safrinha e soja.

A atividade leiteira aparece em 28,8% dos estabelecimentos, provavelmente para garantia de renda a curto prazo e combinada com atividades relacionadas às agroindústrias como a mandioca, a integradoras como fumo e suínos, porém com grande relação à produção de *commodities* representados pelas culturas de soja e milho. Menores são as combinações com olericultura e piscicultura relacionadas às cadeias curtas de comercialização.

A cultura do fumo também aparece consorciada com outras atividades além da leiteira, representando 7,7% do grupo, porém com tendência à produção de *commodities* novamente pela produção de soja e milho.

Mesmo raciocínio pode ser utilizado em relação à cultura da mandioca, pois além da associação com a atividade leiteira, também está associada com a produção de soja e milho, apresentando-se em 4,2% do grupo, e em 2,7% com a olericultura. A avicultura de corte expressa 3,5% do referido grupo com tendência de associação a culturas relacionadas às agroindústrias, como a leiteira e mandioca.

Esse processo se deve em função da modernização da agricultura. A região estudada sofreu mudanças estruturais na produção agrícola com a inserção de novas técnicas e modificações nas relações de produção.

Tabela 4 – Unidades familiares com duas atividades produtivas principais

Atividades	Número de atividades produtivas		
	2 Atividades	%	% Total
Milho Safrinha, Soja	123	47,3%	19,7%
Leiteira, Mandioca	15	5,8%	2,4%
Leiteira, Soja	15	5,8%	2,4%
Leiteira, Milho Verão	13	5,0%	2,1%
Fumo, Milho Safrinha	12	4,6%	1,9%
Leiteira, Fumo	12	4,6%	1,9%
Leiteira, Milho Safrinha	10	3,8%	1,6%
Mandioca, Olericultura	7	2,7%	1,1%
Mandioca, Milho Verão	6	2,3%	1,0%
Aves Corte, Leiteira	5	1,9%	0,8%
Leiteira, Olericultura	4	1,5%	0,6%
Mandioca, Milho Safrinha	4	1,5%	0,6%
Milho Verão, Olericultura	4	1,5%	0,6%
Aves Corte, Mandioca	3	1,2%	0,5%
Fumo, Milho Verão	3	1,2%	0,5%
Leiteira, Peixes	3	1,2%	0,5%
Leiteira, Suínos	3	1,2%	0,5%
Fumo, Olericultura	2	0,8%	0,3%
Fumo, Soja	2	0,8%	0,3%
Milho Safrinha e Verão	2	0,8%	0,3%
Apicultura, Suínos	1	0,4%	0,2%
Aves Corte, Milho Safrinha	1	0,4%	0,2%
Aves Postura, Mandioca	1	0,4%	0,2%
Aves Postura, Milho Verão	1	0,4%	0,2%
Bovino Corte, Fumo	1	0,4%	0,2%
Cana, Fumo	1	0,4%	0,2%
Cana, Soja	1	0,4%	0,2%
Fruticultura, Olericultura	1	0,4%	0,2%
Fumo, Suínos	1	0,4%	0,2%
Mandioca, Soja	1	0,4%	0,2%
Milho Verão, Soja	1	0,4%	0,2%
Soja, Trigo	1	0,4%	0,2%
	260	100%	41,6%

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

No grupo de unidades com três atividades produtivas, representados na Tabela 5, compondo 23% das unidades estudadas, 52,8% dentro deste grupo apresentam a combinação da atividade leiteira com as culturas de soja e milho safrinha, identificando

também a preferência da atividade leiteira dentro deste processo de diversificação produtiva, porém a predominância da produção agrícola relacionada às culturas de soja e milho é evidente.

As atividades integradas aparecem com bastante relevância nas associações no universo desses agricultores, sendo que em 34,2% dessas unidades existe a presença das atividades relacionadas à cultura do fumo e criação de aves e suínos.

A cultura da mandioca, relacionada às agroindústrias, apresentou 9,1% de participação nas associações dessas unidades, porém a olericultura ficou com participação bem prejudicada e não houve registro de fruticultura, colaborando para a análise de que esse processo de diversificação é precário, levando em consideração somente o ponto de vista econômico, devido a produção estar voltada à agroindústria e *commodities*.

Tabela 5 – Unidades familiares com três atividades produtivas principais

Atividades	Número de atividades produtivas		
	3 Atividades	%	% Total
Leiteira, Milho Safrinha, Soja	76	52,8%	12,2%
Fumo, Milho Safrinha, Soja	12	8,3%	1,9%
Milho Safrinha, Soja, Suínos	9	6,3%	1,4%
Leiteira, Fumo, Milho Safrinha	5	3,5%	0,8%
Mandioca, Milho Safrinha, Soja	5	3,5%	0,8%
Aves Corte, Milho Safrinha, Soja	4	2,8%	0,6%
Bovino Corte, Milho Safrinha, Soja	3	2,1%	0,5%
Leiteira, Fumo, Milho Verão	3	2,1%	0,5%
Leiteira, Soja, Suínos	3	2,1%	0,5%
Cana, Milho Safrinha, Soja	2	1,4%	0,3%
Leiteira, Fumo, Soja	2	1,4%	0,3%
Leiteira, Milho Safrinha e Verão	2	1,4%	0,3%
Mandioca, Milho Verão, Olericultura	2	1,4%	0,3%
Milho Safrinha e Verão, Soja	2	1,4%	0,3%
Aves Corte, Amendoim, Mandioca	1	0,7%	0,2%
Aves Corte, Amendoim, Olericultura	1	0,7%	0,2%
Aves Corte, Leiteira, Soja	1	0,7%	0,2%
Aves Corte, Milho Safrinha, Olericultura	1	0,7%	0,2%
Aves Corte, Soja, Suínos	1	0,7%	0,2%
Aves Postura, Milho Safrinha, Soja	1	0,7%	0,2%
Fumo, Mandioca, Soja	1	0,7%	0,2%
Fumo, Milho Safrinha e Verão	1	0,7%	0,2%
Fumo, Milho Safrinha, Suínos	1	0,7%	0,2%
Leiteira, Cana, Mandioca	1	0,7%	0,2%
Leiteira, Fumo, Suínos	1	0,7%	0,2%
Leiteira, Mandioca, Milho Safrinha	1	0,7%	0,2%
Leiteira, Mandioca, Milho Verão	1	0,7%	0,2%
Leiteira, Mandioca, Peixes	1	0,7%	0,2%
	<b>144</b>	<b>100%</b>	<b>23,0%</b>

Fonte: ADEOP, 2012, adaptado pelos autores.

A Tabela 6 identifica o grupo de unidades com quatro atividades produtivas, representando 4,8% das unidades estudadas. Dentro do grupo, três associações principais merecem destaque: com 26,7% a associação leiteira, fumo, milho safrinha e soja, também com 26,7% a associação leiteira, milho safrinha, soja e suínos e com 13,3% avicultura de corte, leiteira, milho safrinha e soja; essas associações predominantes indicam que os estabelecimentos potencializam as atividades das propriedades para geração de renda com produções em escala, voltadas às agroindústrias e integradores.

Observou-se o desaparecimento da atividade de fruticultura e baixa significância na participação da olericultura, provavelmente pela falta de mão de obra familiar, sendo esta consumida na atividade leiteira, fumo e aves.

Segundo Wilkinson (2011):

O conceito de agroindústria surgiu inicialmente como um elemento para analisar o processo da modernização agrícola, fundamentalmente para identificar uma crescente subordinação da agricultura às forças econômicas exógenas à atividade agrícola em si. Então, caracterizou-se como uma noção que apontava para um processo dinâmico que minava a autonomia e a capacidade produtiva independente do setor agrícola; especificamente da pequena produção, como era chamada naquele tempo e que nos dias de hoje consagrou-se como a produção familiar. Não era uma subordinação apenas genérica da agricultura às forças econômicas exógenas, mas, ao mesmo tempo, os próprios processos produtivos na agricultura foram crescentemente subordinados e controlados de fora por grandes empresas oligopolizadas, a jusante e a montante da agricultura. Nesse sentido, o enfoque inicial desses estudos apontava para uma perda fundamental de autonomia da agricultura e da capacidade de criar sistemas produtivos autônomos (WILKINSON, 2011, p. 34).

Tabela 6 – Unidades familiares com quatro atividades produtivas principais

Atividades	Número de atividades produtivas		
	4 Atividades	%	% Total
Leiteira, Fumo, Milho Safrinha, Soja	8	26,7%	1,3%
Leiteira, Milho Safrinha, Soja, Suínos	8	26,7%	1,3%
Aves Corte, Leiteira, Milho Safrinha, Soja	4	13,3%	0,6%
Bovino Corte, Leiteira, Milho Safrinha, Soja	2	6,7%	0,3%
Leiteira, Peixes, Soja, Suínos	2	6,7%	0,3%
Aves Corte, Fumo, Milho Safrinha, Soja	1	3,3%	0,2%
Aves Corte, Leiteira, M. Safrinha, Olericultura	1	3,3%	0,2%

Atividades	Número de atividades produtivas		
	4 Atividades	%	% Total
Aves Corte, Milho Safrinha, Soja, Suínos	1	3,3%	0,2%
Bovino Corte, Fumo, Milho Safrinha, Soja	1	3,3%	0,2%
Leiteira, Mandioca, Milho Safrinha, Peixes	1	3,3%	0,2%
Mandioca, Milho Safrinha e Verão, Soja	1	3,3%	0,2%
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100,0%</b>	<b>4,8%</b>

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

Stoffel e Colognese (2005) afirmam que a disponibilidade de capital pode limitar esses pequenos produtores em suas decisões de investimentos, o que faz com que muitos permaneçam desenvolvendo combinações de processos produtivos que unem a agricultura com a pecuária.

Isso aparece de forma bem evidente na pesquisa, pois os produtores que trabalham com apenas uma cultura representa um percentual expressivo de 30,2%, mas o restante da amostra, 69,8% trabalham com mais de uma cultura, constatou-se que há heterogeneidade envolvendo a produção agrícola nesses municípios.

Somente duas unidades apresentaram cinco atividades produtivas, perfazendo 0,3% do total dos estabelecimentos, apresentando as mesmas características de organização produtiva relatada anteriormente nos estabelecimentos com quatro atividades, conforme demonstrado na Tabela 7.

Tabela 7 – Unidades familiares com cinco atividades produtivas

Atividades	Número de atividades produtivas		
	5 Atividades	%	% Total
Aves Corte, Leiteira, Milho Safrinha, Peixes, Soja	1	50,0%	0,2%
Aves Postura, Bovino Corte, M. Safrinha, Soja, Suínos	1	50,0%	0,2%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100,0%</b>	<b>0,3%</b>

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

A Revolução Verde, intensiva no uso da mecanização e produtos químicos, entraram firme na agricultura. A soja do sul do país, assumiu o papel de liderança no complexo agroindustrial brasileiro (NAVARRO et al., 2014). Identificou-se essa tendência nos municípios analisados. A produção de soja e milho são predominantes conforme a análise.

Santos afirma que:

Com a modernização da agricultura se materializa a integração de capital (comercial, industrial e financeiro), submetendo a estrutura agrícola nacional, mesmo parcialmente, aos seus desígnios.

Dessa forma, ela se espalha na maior parte dos espaços, mudando a base técnica da produção, inserindo a soja como produto principal, realizando a integração com os complexos agroindustriais a jusante e a montante da agricultura; tudo isso apoiado pelo Estado, o qual, em determinados momentos, assume o papel de financiador da modernização, favorecendo a fluidez do capital (SANTOS, 2011, p. 118).

Através da pesquisa identificou-se que, na região, a produção natural ou os produtos orgânicos não aparecem em destaque. Na atualidade, os mesmos são considerados importantes fontes de agregação de valor, mas esses segmentos ainda aparecem apenas como nichos de mercado. Dessa forma, há possibilidades dentro desse nicho para serem exploradas pela agricultura familiar, pois conforme Flores (2002, p. 352), os produtos tradicionais provenientes da agricultura familiar têm condições de ocupar maiores espaços no mercado local, nacional e internacional, beneficiando-se de valores que sejam agregados aos produtos.

#### *Atividades produtivas por tamanho de área*

A agricultura familiar sofreu alterações devido ao crescimento da demanda por produtos agrícolas, o mercado contribuiu para uma mudança nas formas de organização produtiva bem como na dinâmica utilização de espaços dentro das propriedades, como vimos anteriormente existem culturas dominantes para geração de renda e realimentação dos processos produtivos.

Na Tabela 8, foi identificado que as atividades integradas estão entre as preferidas das pequenas propriedades, dado os números relacionados com a atividade de avicultura de corte com incidência em 40,6% em áreas de até 5 hectares e 37,5% acima de 5 até 20 hectares, a cultura do fumo concentra-se 38,8% em áreas de até 5 hectares e 48,8% acima de 5 até 20 hectares, a suinocultura apresentou concentração de 29,7% em áreas de até 5 hectares e 48,6% acima de 5 até 20 hectares.

Para Sorj et al. (1982) *apud* Stoffel e Colognese (2005) os sistemas de produção integrada apresentam rápida multiplicação devido à procura pelos pequenos produtores de atividades econômicas alternativas, com possibilidade de trabalho no próprio domicílio e ainda conseguir agregar outras atividades na propriedade; também a possibilidade de empregar toda a mão de obra familiar para maior exploração da força de trabalho e elevação de renda são atrativos desse sistema.

Quanto às atividades ligadas às agroindústrias, verificou-se que na atividade leiteira, a concentração em áreas de até 5 hectares é de 14,7% e 61,9% acima de 5 até 20 hectares, demonstrando uma concentração menor em propriedades muito pequenas, pelos limitadores da própria atividade que exige em relação aos animais, a cultura da mandioca apresenta importante papel econômico pela produção de farinha, amido, consumo de mesa e seu uso na alimentação animal, sendo que na pesquisa, identificou-se que 55,7% de seu cultivo está em áreas de até 5 hectares e 39,9% em áreas acima de 5 até 20 hectares; justifica-se por ser uma cultura que não exige um grande aparato tecnológico e cuidados excessivos, devido a estas características, está presente massivamente em estabelecimentos familiares.

Quanto às culturas de soja e milho safrinha, estas estão presentes em todas as unidades estudadas, sendo que 13,9% da cultura do milho safrinha está presente em áreas de até 5 hectares, 44,5% em áreas de 5 até 25 hectares e 41,6% em áreas acima de 25 hectares; já a cultura da soja 8,5% relaciona-se a áreas de até 5 hectares, em áreas de 5 até 25 hectares 49,8% e 41,7% em áreas acima de 25 hectares.

Já as atividades de fruticultura, olericultura e piscicultura, a pesquisa identificou sua grande presença em áreas de até 5 hectares, da seguinte forma: fruticultura 83,3%, olericultura 84,4% e piscicultura 44,4%, indicando que pequena parte das propriedades ainda valorizam aspectos de produção artesanal e podem buscar nichos de mercado.

Tabela 8 – Atividades relacionadas ao tamanho de área

Atividades		Tamanho da área														Total
		0 a 5 ha	6 a 10 ha	11 a 15 ha	16 a 20 ha	21 a 25 ha	26 a 30 ha	31 a 35 ha	36 a 40 ha	41 a 45 ha	46 a 50 ha	51 a 55 ha	56 a 60 ha	61 a 65 ha	> 65 ha	
Soja	Contagem	27	47	39	44	28	19	30	14	9	9	13	10	5	23	317
	%Atividade	8,5%	14,8%	12,3%	13,9%	8,8%	6,0%	9,5%	4,4%	2,8%	2,8%	4,1%	3,2%	1,6%	7,3%	
	% do total	4,3%	7,5%	6,2%	7,0%	4,5%	3,0%	4,8%	2,2%	1,4%	1,4%	2,1%	1,6%	0,8%	3,7%	50,7%
Milho Safrinha	Contagem	43	38	40	37	23	18	30	13	9	9	12	10	5	23	310
	%Atividade	13,9%	12,3%	12,9%	11,9%	7,4%	5,8%	9,7%	4,2%	2,9%	2,9%	3,9%	3,2%	1,6%	7,4%	
	% do total	6,9%	6,1%	6,4%	5,9%	3,7%	2,9%	4,8%	2,1%	1,4%	1,4%	1,9%	1,6%	0,8%	3,7%	49,6%
Bovinocultura leiteira	Contagem	45	50	65	51	24	11	22	7	7	2	6	5	4	8	307
	%Atividade	14,7%	16,3%	21,2%	16,6%	7,8%	3,6%	7,2%	2,3%	2,3%	0,7%	2,0%	1,6%	1,3%	2,6%	
	% do total	7,2%	8,0%	10,4%	8,2%	3,8%	1,8%	3,5%	1,1%	1,1%	0,3%	1,0%	0,8%	0,6%	1,3%	49,1%
Fumo	Contagem	31	18	9	8	4	2	3	0	1	1	3	0	0	0	80
	%Atividade	38,8%	22,5%	11,3%	10,0%	5,0%	2,5%	3,8%	0,0%	1,3%	1,3%	3,8%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	5,0%	2,9%	1,4%	1,3%	0,6%	0,3%	0,5%	0,0%	0,2%	0,2%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	12,8%
Mandioca	Contagem	39	15	8	4	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2	70
	%Atividade	55,7%	21,4%	11,4%	5,7%	1,4%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	
	% do total	6,2%	2,4%	1,3%	0,6%	0,2%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	11,2%
Milho verão	Contagem	23	9	5	3	1	4	0	0	0	0	0	0	0	1	46
	%Atividade	50,0%	19,6%	10,9%	6,5%	2,2%	8,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,2%	
	% do total	3,7%	1,4%	0,8%	0,5%	0,2%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	7,4%
Suinocultura	Contagem	11	3	4	7	4	2	1	0	2	0	0	1	0	2	37
	%Atividade	29,7%	8,1%	10,8%	18,9%	10,8%	5,4%	2,7%	0,0%	5,4%	0,0%	0,0%	2,7%	0,0%	5,4%	
	% do total	1,8%	0,5%	0,6%	1,1%	0,6%	0,3%	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,3%	5,9%
Avicultura de corte	Contagem	13	1	1	4	6	0	3	0	1	1	1	1	0	0	32
	%Atividade	40,6%	3,1%	3,1%	12,5%	18,8%	0,0%	9,4%	0,0%	3,1%	3,1%	3,1%	3,1%	0,0%	0,0%	
	% do total	2,1%	0,2%	0,2%	0,6%	1,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	5,1%
Olericultura	Contagem	27	3	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	32
	%Atividade	84,4%	9,4%	3,1%	3,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	4,3%	0,5%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Bovinocultura de corte	Contagem	2	1	0	2	0	2	1	0	0	0	0	0	0	2	10
	%Atividade	20,0%	10,0%	0,0%	20,0%	0,0%	20,0%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	
	% do total	0,3%	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	1,6%
Piscicultura	Contagem	4	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	9
	%Atividade	44,4%	0,0%	0,0%	22,2%	11,1%	11,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	11,1%	
	% do total	0,6%	0,0%	0,0%	0,3%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	1,4%
Fruticultura	Contagem	5	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
	%Atividade	83,3%	0,0%	16,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,8%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%
Cana de açúcar	Contagem	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	%Atividade	40,0%	0,0%	60,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,3%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%

Atividades	Tamanho da área														Total	
	0 a 5 ha	6 a 10 ha	11 a 15 ha	16 a 20 ha	21 a 25 ha	26 a 30 ha	31 a 35 ha	36 a 40 ha	41 a 45 ha	46 a 50 ha	51 a 55 ha	56 a 60 ha	61 a 65 ha	> 65 ha		
Avicultura de postura	Contagem	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3
	%Atividade	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	
	% do total	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,5%
Amendoim	Contagem	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	%Atividade	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Arroz	Contagem	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	%Atividade	50,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,2%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Trigo	Contagem	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	%Atividade	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Apicultura	Contagem	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	%Atividade	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%
Total	Contagem	165	106	93	80	38	23	33	16	10	9	13	10	5	24	625
	% do total	26,4%	17,0%	14,9%	12,8%	6,1%	3,7%	5,3%	2,6%	1,6%	1,4%	2,1%	1,6%	0,8%	3,8%	100,0%

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

Segundo Stoffel e Colognese (2005), os produtores familiares costumam conjugar, em geral, atividades que se relacionam diretamente com a sua realidade. Um dos motivos refere-se à área de terra, que é relativamente limitada, dessa forma os produtores priorizam culturas temporárias.

De acordo com os levantamentos anteriores, pode-se verificar a grande tendência de agro industrialização da agricultura, perdendo-se o vínculo com as atividades voltadas à subsistência ou produção voltada para uma comercialização tradicional, o que pode ser muito perigoso para a agricultura familiar.

#### *Atividades relacionadas à renda*

Para Wilkinson (2011), partindo do ponto de término da autonomia agrícola, devido aos processos e exigências agroindustriais, começaram a ser desenvolvidas formas de cooperação entre a produção tradicional familiar com as formas de inserção agroindustrial, como exemplo o uso dos dejetos dos aviários nas lavouras; porém, após a análise deste processo, identificou-se que a renda gerada pelas atividades tradicionais ou mesmo as atividades de auto consumo, davam subsídio para as agroindústrias pressionarem para baixo os preços de seus pro-

duto, pois seria possível a sobrevivência dos produtores através de geração de rendas alternativas.

Na Tabela 9, foram relacionadas as atividades preponderantes nas unidades com as respectivas rendas totais, analisando por organizações produtivas, verifica-se em relação as atividades integradas de avicultura de corte, fumo e suinocultura as maiores relações com renda, sendo que na avicultura de corte 81,3% possuem renda anual acima de R\$ 15.000,00, na cultura do fumo 62,6% e na suinocultura 91,9%.

Nas atividades agroindustriais, a atividade leiteira apresentou relação com a renda de 61,2% acima de R\$ 15.000,00 anuais, enquanto a cultura da mandioca somente 38,6%.

As culturas de soja e milho safrinha também têm relação com as maiores rendas informadas pelos produtores, sendo que 71,6% propriedades com cultura de milho safrinha estão na escala de renda superior a R\$ 15.000,00 anuais, enquanto a cultura da soja apresenta 72,2%.

As culturas consideradas como formas tradicionais de comercialização, caso da fruticultura e olericultura apresentaram percentuais bem menores em relação às demais, renda superior a R\$ 15.000,00 anuais na fruticultura 16,7% e na olericultura 34,4%.

Tabela 9 – Atividades relacionadas à renda

Atividades	Renda bruta anual						Total	
	Renda ≤ 5.000	Renda ≥ 5.000 ≤ 10.000	Renda ≥ 10.000 ≤ 15.000	Renda ≥ 15.000 ≤ 25.000	Renda ≥ 25.000 ≤ 50.000	Renda ≥ 50.000		
Soja	Contagem	22	32	34	61	95	73	317
	%Atividade	6,9%	10,1%	10,7%	19,2%	30,0%	23,0%	
	% do total	3,5%	5,1%	5,4%	9,8%	15,2%	11,7%	50,7%
Milho Safrinha	Contagem	26	30	32	63	93	66	310
	%Atividade	8,4%	9,7%	10,3%	20,3%	30,0%	21,3%	
	% do total	4,2%	4,8%	5,1%	10,1%	14,9%	10,6%	49,6%
Bovinocultura leiteira	Contagem	29	40	50	64	76	48	307
	%Atividade	9,4%	13,0%	16,3%	20,8%	24,8%	15,6%	
	% do total	4,6%	6,4%	8,0%	10,2%	12,2%	7,7%	49,1%
Fumo	Contagem	8	11	11	21	19	10	80
	%Atividade	10,0%	13,8%	13,8%	26,3%	23,8%	12,5%	
	% do total	1,3%	1,8%	1,8%	3,4%	3,0%	1,6%	12,8%
Mandioca	Contagem	15	21	7	13	12	2	70
	%Atividade	21,4%	30,0%	10,0%	18,6%	17,1%	2,9%	
	% do total	2,4%	3,4%	1,1%	2,1%	1,9%	0,3%	11,2%
Milho verão	Contagem	9	13	11	10	2	1	46
	%Atividade	19,6%	28,3%	23,9%	21,7%	4,3%	2,2%	
	% do total	1,4%	2,1%	1,8%	1,6%	0,3%	0,2%	7,4%
Suinocultura	Contagem	2	0	1	1	21	12	37
	%Atividade	5,4%	0,0%	2,7%	2,7%	56,8%	32,4%	
	% do total	0,3%	0,0%	0,2%	0,2%	3,4%	1,9%	5,9%
Avicultura de corte	Contagem	2	3	1	4	8	14	32
	%Atividade	6,3%	9,4%	3,1%	12,5%	25,0%	43,8%	
	% do total	0,3%	0,5%	0,2%	0,6%	1,3%	2,2%	5,1%
Olericultura	Contagem	5	13	3	4	4	3	32
	%Atividade	15,6%	40,6%	9,4%	12,5%	12,5%	9,4%	
	% do total	0,8%	2,1%	0,5%	0,6%	0,6%	0,5%	5,1%
Bovinocultura de corte	Contagem	1	0	2	1	3	3	10
	%Atividade	10,0%	0,0%	20,0%	10,0%	30,0%	30,0%	
	% do total	0,2%	0,0%	0,3%	0,2%	0,5%	0,5%	1,6%
Piscicultura	Contagem	1	1	0	0	3	4	9
	%Atividade	11,1%	11,1%	0,0%	0,0%	33,3%	44,4%	
	% do total	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,5%	0,6%	1,4%
Fruticultura	Contagem	3	1	1	0	0	1	6
	%Atividade	50,0%	16,7%	16,7%	0,0%	0,0%	16,7%	
	% do total	0,5%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	1,0%
Cana de açúcar	Contagem	0	1	0	4	0	0	5
	%Atividade	0,0%	20,0%	0,0%	80,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,2%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,8%
Avicultura de postura	Contagem	1	1	0	0	0	1	3
	%Atividade	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	
	% do total	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,5%
Amendoim	Contagem	0	1	1	0	0	0	2
	%Atividade	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Arroz	Contagem	0	1	1	0	0	0	2
	%Atividade	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Trigo	Contagem	1	0	0	0	1	0	2
	%Atividade	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	
	% do total	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,3%
Apicultura	Contagem	1	0	0	0	0	0	1
	%Atividade	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	% do total	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%
Total	Contagem	80	94	86	128	149	88	625
	% do total	12,8%	15,0%	13,8%	20,5%	23,8%	14,1%	100,0%

Fonte: ADEOP (2012), adaptado pelos autores.

Pode-se verificar que as atividades relacionadas às produções em escala expressam as maiores participações nas faixas de renda dessas unidades. Segundo Zaar (1999), o grande capital modelou o desenvolvimento agrícola pela capacidade de produção, em especial para o mercado externo, com a participação do Estado pela promoção do cooperativismo.

O cooperativismo incentivou a aderência dos pequenos produtores pela oferta de assistência técnica e social, uso de crédito e centralização da produção, características estas de apoio, porém ao mesmo tempo atuou como mecanismo de incorporação ideológica na produção rural.

## 5 CONCLUSÕES

As discussões teóricas e a pesquisa contribuíram para aprimorar o conhecimento sobre as estruturas produtivas dos municípios selecionados, que fazem parte da região Costa Oeste Paranaense. Observou-se no estudo que, com o processo de modernização da agricultura, esses municípios analisados sofreram um processo de diversificação da produção.

Segundo Schneider (2010), a diversificação é local, pois ocorre no processo de produção, implicando na combinação de diferentes cultivos e sistemas de produção e no estudo identificou-se que quanto às culturas, as diferentes combinações de culturas e recursos disponíveis, nestas propriedades permitem uma maior renda a esses produtores.

Quanto aos sistemas produtivos, os mesmos encontram-se voltados para as agroindústrias e as integradoras, que segundo Stoffel e Colognese (2005), chama-se de produção integrada, quando há parceria da agroindústria com os produtores através de contratos, predominante na suinocultura e avicultura e produção exclusivamente agrícola, com característica principal a produção “*commodities*” representada pela soja e pelo milho safrinha, seguido da atividade leiteira para geração de renda em períodos menores de tempo.

Em sua organização produtiva, estes estabelecimentos familiares demonstraram que a diversificação chega, na maioria, em até três atividades, destacando-se a atividade leiteira tanto em estabelecimentos com atividade única ou nos demais, sendo consorciada nas atividades integradoras ou grãos, porém, as atividades que representam formas tradicionais da agricultura familiar, caso da fruticultura e olericultura, estão perdendo espaço

nos moldes de produção atuais. Para Wanderley (2000) essa diversificação das atividades é uma estratégia que vem sendo adotada pelos agricultores brasileiros e destina-se não só a ampliar o leque de produtos comercializáveis, mas igualmente a garantir o autoconsumo.

A modernização da agricultura empregou as pequenas propriedades uma tendência dominante em relação aos modos de produção, as escolhas das atividades estão sendo relacionadas aos processos mercadológicos inseridos na região através de técnicas que tem o intuito de transformar os agricultores familiares tradicionais em agricultores que sejam interessantes para o mercado através das intensificações produtivas, porém ficam expostos aos obstáculos gerados como flutuações de preços e necessidade de capital para investimentos em suas atividades.

## REFERÊNCIAS

- ADEOP – AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO OESTE DO PARANÁ. **Pronaf Sustentável na BP3**. Paraná, 2012.
- BALEM, T. A.; SILVEIRA, P. R. A erosão cultural alimentar: processo de insegurança alimentar na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, 2005.
- BALSAN, R. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira I/decurent impacts of the agriculture modernization in Brazil. **Campo-território: revista de geografia agrária**, v. 1, n. 2, p. 123-151, 2006.
- BRASIL. **Política Nacional de Agricultura Familiar**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm). Acesso em 01/06/2016.
- \_\_\_\_\_. **Lei 4.504/1964. Estatuto da Terra**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm). Acesso em 12 ago 2016.

- BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; NAVARRO, Z. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de política agrícola**, v. 22, n. 2, p. 105-121, 2013.
- BUAINAIN, A. M.; GARCIA, J. R. **Os pequenos produtos rurais mais pobres ainda têm alguma chance como agricultores?** In: NAVARRO, Z.; CAMPOS, S. K. (Org.). A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível? Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília-DF: CGEE, 2013a. v. 1. cap. 2. p. 29-70.
- DAMASCENO, N.P.; KHAN, A.S.; LIMA, P.V.P. O Impacto do Pronaf sobre a sustentabilidade da agricultura familiar, geração de emprego e renda no estado do Ceará. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 49, n. 1, p. 129-156, 2011.
- DELGADO, N. G. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2010.
- EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>. Acesso em 26 set 2017.
- FLORES, M. **Assistência técnica e agricultura familiar**. In: LIMA, D. M. A.; WILKINSON, J. (org.). Inovação nas tradições da agricultura familiar. Brasília: CNPq./Paralelo. 2002. p. 347-360.
- GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil / Organizadores Catia Grisa [e] Sergio Schneider**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 624 p.
- KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- LAMARCHE, H. (coord.) **L’agriculture familiale**. 1. Une réalité polymorphe. Paris, L’Harmattan, 1993. 304 p. 2. Du mythe à la réalité. Paris, L’Harmattan, 1994. 303 p.
- LIMA, J. R. T.; FIGUEIREDO, M. A. B. **Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável**. In: LIMA, J. R. T.; FIGUEIREDO, M. A. B. (org.). Extensão rural, desafios de novos tempos: agroecologia e sustentabilidade. Recife: Bagaço, 2006. p. 57-81.
- NAVARRO, Z.; SILVEIRA, J. M.; ALVES, E.; BUAINAIN, A. M. **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.
- REDIN, E.; FIALHO, M. A. V. Política agrícola brasileira: uma análise histórica da inserção da agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48., 2010, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: SOBER, 2010.
- SANTOS, R. A. Território e modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 118, p. 114-122, 2011.
- SCHALLENBERGER, E.; COLOGNESE, S.A. **Migrações e comunidades cristãs no sul do Brasil**. Unioeste – Facitol. Toledo, 1993.
- SCHNEIDER, S. **Reflexões Sobre Diversificação e Desenvolvimento na Agricultura, Formas Familiares e Desenvolvimento Rural**. RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP, v. 4, n. 1, 2010.
- SILVA, J. R.; JESUS, P. Os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil. In: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 5., 2010, Maceió. **Anais...** Maceió: IFAL, 2010. Disponível em: <http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1407/457>. Acesso em: julho de 2016.
- STOFFEL, J. A. **A viabilidade da agricultura familiar: formas de organização produtiva no Oeste do Paraná**. Dissertação de Mestrado, PGDRA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas/UNIOESTE – Campus de Toledo – Paraná, Toledo, 2004.

STOFFEL, J.A.; COLOGNESE, S.A.  
**Desempenho socioeconômico e organização produtiva da agricultura familiar no oeste do Paraná.** Encontros da SOBER, p. 1-13, 2005.

TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica AGB-TL**, v. 1, n. 2, p. 21-42, 2005.

VILELA, D.; BRESSAN, M.; GOMES, S. T.; et al. **O agronegócio do leite e políticas públicas para o seu desenvolvimento sustentável.** Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2002.

WANDERLEY, M. N. B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 2, p. 29-37, jul./dez., 2000.

WANDERLEY, N. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** In: TEDESCO (Org.) Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo- RS: UPF, 2001, 405 p.

WILKINSON, J. Cadeias produtivas para agricultura familiar. **Revista de Administração da UFLA**, v. 1, n. 1, p. 34-41, 2011.

ZAAR, M. H. **A produção do espaço agrário da colonização à modernização agrícola e formação do lago de Itaipu.** Cascavel: Edunioeste, 1999.